

IV CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO:

Desafios Contemporâneos das
Sociedades Ibero-Americanas

De 23 a 27 de agosto de 2021

EVENTO ONLINE

ANAIIS DO EVENTO

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



Comissão Organizadora

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Marcelo Feldhaus	Diretor de Ensino de Graduação Representante da Pró-Reitoria Acadêmica Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Carlos Renato Carola	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato	Coordenadora do Curso de Artes Visuais Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Bruno Dandolini Colombo	Curso de Educação Física Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Cibele Beirith Figueiredo Freitas	Coordenadora Adjunta do curso de Letras Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Jeferson Luis Azeredo	Comissão de Divulgação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Lucene Cândido Magnus	Representante discente do curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Vanessa Marcos Medeiros	Representante do Conselho Editorial Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Rafaela Ribeiro Pereira	Representante da Diretoria de Ensino de Graduação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

Comissão Científica

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Graziela Fátima Giacomazzo	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Antonio Fernando Silveira Guerra	Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Profª. Dra. Maria Teresa Santos Cunha	Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Prof. Dr. José Antonio Mateo	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) Universidad Nacional de Entre Ríos - UNER (Argentina)
Profª. Dra. Ana Paula Vosne Martins	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Profª. Dra. Silvia Maria de Favero Arend	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Profª. Dra. Amalia Morales Villena	Universidad de Granada - Espanha
Profª. Dra. Maria Stephanou	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Denise Balarine Cavalheiro Leite	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Ana Sabrina Mora	Universidad Nacional La Plata - UNLP (CONICET) - Argentina
Profª. Dra. Patrícia Ferraz de Matos	Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Miguel Anxo Santos Rego	Universidade de Santiago de Compostela - Espanha
Prof. Dr. Agustín Escolano Benito	Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE) - Espanha
Prof. Dr. Alex Sander da Silva	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS
Prof. Dr. António Gomes Ferreira	Universidade de Coimbra - Portugal
Profª Dra. Patricia Paola Ames Ramello	Pontificia Universidad Católica del Perú - Peru
Profª Dra. Maria Luiza Rico Gómez	Instituto Universitário de Estudos Sociais da América Latina Universidade de Alicante - Espanha
Profª Dra. Maria João Mogarro	Instituto de Educação Universidade de Lisboa - Portugal

Grupos de Trabalho

Giani Rabelo e Ismael Gonçalves Alves

Finanças

Amalhene Baesso Reddig, Aurélia Regina de Souza Honorato e Maxuel Sander Flor

Cultura

Birgit Harter Marques e Matheus Zimmermann

Monitoria

Caroline Bortot, Jeferson Luis de Azeredo e Lucas Damásio

Comunicação e Divulgação

Lucene Cândido Magnus e Rafaela Ribeiro Pereira

Secretaria Geral

Leila Laís Gonçalves, Paulo Martins e Wender Firmino

Tecnologia

Carlos Renato Carola e Cibele Beirith Figueiredo Freitas

Apresentações de Pôsteres

Secretaria

Rafaela Ribeiro Pereira

Secretária da Diretoria de Ensino de Graduação
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

Diagramação

Victor Burato

Designer

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



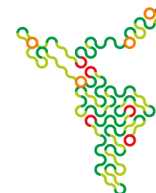
GT51

Identities, bodies and constitution of subjects in diverse formative contexts

SUMÁRIO

CLIQUE E SEJA DIRECIONADA/O PARA O TRABALHO

- 7 CAPOEIRA E PROCESSOS EDUCACIONAIS: UMA EXPERIÊNCIA ITINERANTE**
Norma Silvia Trindade de Lima
- 17 EMANCIPAÇÃO A FAVOR DA VIDA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**
Reard Michel dos Santos
Soraya Corrêa Domingues
- 29 POR ENTRE VÊNUS PALEOLÍTICAS, RUBENS E BOTERO: O DISCURSO IMAGÉTICO GORDO COMO ALAVANCA DE REPRESENTATIVIDADE E SAÚDE MENTAL**
Analu Steffen



CAPOEIRA E PROCESSOS EDUCACIONAIS: UMA EXPERIÊNCIA ITINERANTE

Norma Silvia Trindade de Lima¹

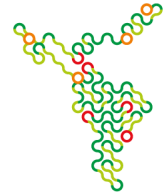
Resumo: Uma educação inclusiva demanda tensionar o racismo epistêmico e seus dispositivos coloniais em ambientes formativos. Considerando que as práticas culturais afrodiáspóricas contribuem de modo significativo neste sentido, vimos desenvolvendo estudos, tendo como escopo a capoeira, em suas interfaces com a educação, articulados em extensão universitária, pesquisa e docência. O recorte neste trabalho, destaca o projeto de extensão universitária: "Capoeduca Itinerante: interfaces entre patrimônio cultural imaterial e a educação", realizado entre comunidades acadêmica e da capoeira, em 2017 e 2018, no interior de São Paulo. A partir de demandas das comunidades envolvidas, foram estabelecidos diálogos horizontais e em itinerância entre territórios, saberes e experiências, por meio de rodas de conversa, recursos audiovisuais e registros das experiências. Produzimos, também, um documentário. Tomando a capoeira, como patrimônio e prática social afrodiáspórica, escopo deste estudo, constatamos a potência dos encontros entre diferentes comunidades de saber, visando posições outras de saber/poder e deslocamentos nas noções de centro e periferia, podendo ampliar o campo epistêmico em ambientes formativos, na perspectiva pluriversal e decolonial. Provocamos as comunidades acadêmica e da capoeira a repensar demarcações fixas e excludentes de fronteiras coloniais e seus dispositivos de produção de identidades, lógicas, práticas, experiências formativas, por fim, sociabilidades.

Palavras-chave: Educação. Capoeira. (De)Colonialidade. Inclusão. Epistemologias do sul.

Capoeira and educational processes: an itinerant experience

Abstract: An inclusive education demands tensioning epistemic racism and its colonial devices in formative environments. Considering that the afrodiasporic cultural practices contribute significantly in this sense, we have been developing studies, focusing on capoeira, in its interfaces with education, articulated in university extension, research and teaching. The cutout in this work highlights the university extension project: "Capoeduca Itinerante: interfaces between intangible cultural heritage and education", carried out between academic and capoeira communities, in 2017 and 2018, in the countryside of São Paulo. Based on demands from the communities involved, horizontal and itinerant dialogues between territories, knowledge and experiences were established, through conversation circles, audiovisual resources, and records of experiences. We also produced a documentary. Taking capoeira as an Afrodiaspora social heritage and practice, the scope of this study, we see the power of encounters between different communities of knowledge, aiming at other positions of knowledge/power and displacements in the notions of center and periphery, which can expand the epistemic field in training environments, in the pluriversal and decolonial perspective. We provoke the academic and capoeira communities to rethink fixed and excluding demarcations of colonial

¹ Docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas/SP/Brasil. Contato: normatl@unicamp.br



borders and their devices for the production of identities, logics, practices, formative experiences, and finally, sociabilities.

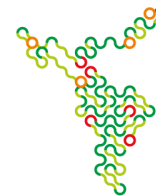
Keywords: Education. Capoeira. (De)Coloniality.

Percursos, afetos e perspectivas

Para contextualizar os movimentos desencadeadores deste trabalho, num primeiro momento, tranço alguns fios de memória, por meio de uma narrativa autobiográfica, na sequência destaco noções caras e mobilizadoras, constituindo o aporte teórico, inspirador dos diálogos empreendidos. Apresento, a seguir o detalhamento do trabalho desenvolvido e por fim, algumas considerações finais.

Quem escreve estas linhas, por que e em qual cenário? Trata-se de uma mulher, pesquisadora e docente universitária, iniciada na capoeira há pouco mais de trinta anos (graduada professora em uma escola de capoeira, em Campinas/SP). O sentimento de pertencimento e a consciência de ancestralidade africana demandaram a inclusão da capoeira no campo de estudos acadêmico, desenvolvido na esteira das discussões educacionais inclusivas e decoloniais (LIMA, 2016, 2019, 2020, 2021). Para além de capoeirista, a implicação de tais sentimentos constituíram uma responsabilidade com o universo cultural afrodiaspórico, em especial - a capoeira. Esta, compreendida como expressão de força vital, axé, potência de vida, acervo de experiências e memórias, materializadas em suas práticas, saberes, rituais, sociabilidades, afetos e (re)existências. Nessa perspectiva, reconheço na capoeira um processo educacional. Isto é, uma perspectiva identitária e comunitária cujos laços afetivos potencializam conexão e resgate do legado ancestral, afirmando um “lugar no mundo”, uma sociabilidade coletiva referendada historicamente e culturalmente, tornando-se muitas vezes um campo de trabalho, sobretudo para aquele/as em situação de vulnerabilidade social. As comunidades de capoeira, em geral, estão implicadas em processos de racismo, sexismo, subalternização e exploração – dispositivos estruturais e capilares da lógica desumana e perversa da colonialidade, desdobramento do colonialismo, cujo princípio fundante é a noção de raça (MIGNOLO, 2017).

Isto posto, em percursos e intentos profissionais-acadêmicos, navego em mares nada plácidos, tratando-se da temática da inclusão (LIMA, 2003, 2013). Por inclusão, refiro-me às lutas e negociações cotidianas, tendo em vista o usufruto de direitos constitucionais como: acesso à



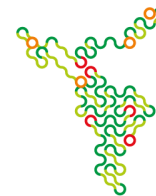
educação, aos bens culturais, manifestações religiosas, condições materiais e simbólicas de desenvolvimento humano-sustentável (Constituição Federal, 1988).

Portanto, é urgente tensionar a perspectiva epistemológica hegemônica no campo educacional, ainda, colonial, cujos efeitos, naturalizam ideais construídos por valores de um sistema-mundo imperialista, eurocêntrico, capitalista, patriarcal, escravocrata e cristão. As noções de universalidade, causalidade, binarismo, linearidade e hierarquia que regulam critérios de legitimidade de conhecimento para a formação humana invisibilizam e descredibilizam gentes, territórios, práticas, saberes e culturas historicamente produzidos como ausentes e inferiores, justificando a subalternização, o racismo e tantas outras violências com as quais convivemos (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2019).

As práticas culturais, em especial as afrodiáspóricas, podem contribuir com a problematização e alargamento das fronteiras epistêmicas e existenciais, no que tange a formação humana e social, numa perspectiva inclusiva, decolonial e pluriversal.

Há rastros escravistas no cotidiano de nossas lógicas e vidas, ainda que o Ofício dos Mestres de Capoeira e a Roda de Capoeira sejam reconhecidos e registrados como bens culturais, em 2008, pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, o IPHAN. E, a Roda de Capoeira como patrimônio cultural imaterial da humanidade, em 2014, pela UNESCO. Tais conquistas ainda não impactaram e/ou ressignificaram o “status” ou lugar/valor social e educacional da capoeira e de seus detentores: mestras e mestres, professoras e professores, e a comunidade da capoeira. Permanece, ainda, a sombra de uma marginalidade e um estereótipo produzidos historicamente desde o Brasil colonial e escravocrata. Desse modo, uma outra percepção a respeito desse bem cultural e de seus/suas detentores precisa ser fomentada, tendo em vista uma educação para todos e todas as cidadãs, independente de credo, gênero, raça ou desempenho, como garante a Constituição Federal (1988) e outros documentos/convenções.

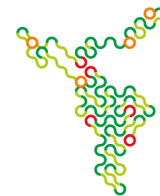
Ocorre que, de um lado, é comum constatar, no ambiente acadêmico, a centralidade da educação escolar e práticas educativas que desconhecem e/ou não valorizam o potencial dos saberes patrimoniais imateriais e suas comunidades afrodiáspóricas, como é o caso da capoeira. Por outro lado, há dificuldades para a comunidade da capoeira acessar e participar do ambiente e do conhecimento produzido na universidade.



Sendo assim, o intento do trabalho desenvolvido, buscou favorecer intercâmbios, diálogos e aprendizagens mútuas entre espaços produtores e promotores de culturas, a acadêmica/escolar/formal e a não acadêmica/não escolar/não formal. Além de, considerar necessário o reconhecimento do potencial educativo e inclusivo dos patrimônios culturais imateriais. Tanto quanto, salvaguardar uma cultura viva que vive e se atualiza por meio de suas comunidades, constituídas por detentores e detentoras de saberes e rituais que zelam por um acervo (re)inventado, (re)criado, (re)significado em território brasileiro no período colonial. Saberes e memórias de gentes africanas, ancestrais, expatriadas e violentadas em sua condição humana, existencial e ontológica por um sistema-mundo colonial, perverso e desumano. Entretanto, como efeito de um deslocamento compulsório e escravocrata, laços, sociabilidades e culturas como modos de (re)existências e resistências insurgiram, (re)matizando cosmogonias e (re)inventando diferentes práticas, como a capoeira (recorte deste estudo), o candomblé, o jongo e outras, na escassez da condição (sub)humana imposta.

Diferentes autores, como Hall (2018) consideram a migração, forçada ou não, como uma marca da modernidade ocidental. A noção de diáspora, originalmente atribuída ao deslocamento dos hebreus, amplia-se, sobretudo com o fenômeno da escravidão e o tráfico de pessoas escravizadas cruzando o Atlântico em direção às Américas. A noção derridiana de *différance*, cujo conceito/significado desliza em um jogo sistemático de diferenças, num continuum, adiando a definição ou fixação do enunciado, permite pensar a radicalidade da experiência de migração forçada, dos povos africanos escravizados e trazidos violentamente para o “Novo Mundo” como diaspórica.

A capoeira é um bem cultural imaterial afro-brasileiro, afrodiaspórico. E, nesse sentido, afirma-se o reconhecimento da matriz ancestral africana em diáspora, que se atualiza nos ritos, rituais, na musicalidade, na memória coletiva imaginada e reverenciada nas práticas e nos terreiros instaurados para as rodas de capoeira. Terreiro aqui é um espaço simbólico, conforme defende Sodrê (2019), com respeito às práticas afrodiaspóricas, sejam as religiosas e/ou culturais, até porque os fios se atravessam... cruzos ancestrais, ou elos de conexão com os antepassados, os que vieram antes e nos possibilitaram estar aqui. A noção de ancestralidade é um elo conceitual que nos permite conexão, vivência e sentimento de continuidade e pertencimento entre temporalidades que co-existem, rompendo a lógica linear e binária da modernidade e colonialidade ocidental (LOPES e SIMAS,



2020). Esta experiência é comum nos terreiros e nas rodas de capoeira quando circula o axé, ainda que sejam práticas de matriz africana distintas, as religiosas e as culturais.

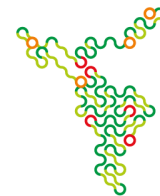
Uma outra noção cara para esse trabalho são as epistemologias do sul, proposta por Boaventura de Sousa Santos (2019), ao problematizar corolários do pensamento moderno ocidental e abissal, como o racismo epistêmico, o epistemicídio e o eurocentrismo. As epistemologias do sul são proposições políticas no âmbito dos saberes, oriundos das lutas e práticas sociais, posto que justiça social implica em justiça cognitiva. Questiona a produção de ausência de gentes, saberes e culturas, como desperdício de experiências sociais dada a noção de neutralidade e descontextualização ética, política e cultural na produção de conhecimentos. O mundo é pluriversal, sendo assim, o campo educacional pode/deve se revigorar e se (re)encantar com visões e contribuições outras de mundo e gentes, antes, historicamente invisibilizadas e descredibilizadas.

Diálogos acadêmicos e não acadêmicos

O projeto de extensão universitária “Capoeduca itinerante: interfaces entre educação e patrimônio cultural imaterial”, foi proposto em 2017 e realizado em 2018, contemplado com apoio da Pró Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários PREAC/PEC, edital 2017.

Estabelecemos diálogos entre saberes acadêmicos e não acadêmicos, tendo como ponto de partida a capoeira na perspectiva de um patrimônio cultural imaterial, destacando as interfaces com a educação e o papel d@ capoeirista como educad@r na sociedade contemporânea. Visamos contribuir com a formação de educadores/capoeiristas, considerando como público-alvo as comunidades de capoeira, especialmente as pessoas que ensinam a capoeira (educadores), e demais pessoas interessadas, tematizando questões de interesse de cada comunidade. A equipe inicial foi composta por três professoras universitárias e um graduando, e estabelecidas parcerias com lideranças e comunidades de capoeira na Região Metropolitana de Campinas/SP, num total de seis núcleos/espços de trabalho com capoeira, além da participação e interlocução com Mestre Flávio Saudade, socializando o Projeto Gingando pela Paz, realizado na República Democrática do Congo e no Haiti, com apoio da Unicef, desde 2008.

Tomando a colonialidade como uma lógica que opera e produz efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos, como discute Maldonado-Torres (2019), relevante principalmente em espaços

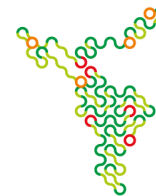


educacionais/formativos, a pluriversalidade e a justiça cognitiva foram premissas, inspirando as estratégias teórico-metodológicas, a saber: a valorização da escuta para com a experiência educacional/formativa desenvolvida nos ambientes/espços das práticas de capoeira, a legitimidade dos lugares, gentes e saberes, a possibilidade e potência dos diálogos horizontais entre diferentes perspectivas - frutos das experiências, afetos e percepções de mundo..

Os recursos e procedimentos propriamente utilizados foram: itinerância/deslocamento em diferentes comunidades/espços de capoeira parceiros do projeto, visita prévia e conversa com lideranças e participantes para a identificação de demandas e expectativas, documentários (recursos audiovisuais) para mobilizar os diálogos desenvolvidos em rodas de conversa, após a projeção no dia agendado para o encontro, produção de narrativas/registros das temáticas e reverberações produzidas nos participantes, e avaliação em cada encontro realizado.

Foram realizados sete eventos. Quatro encontros ocorreram em diferentes espaços/núcleos de aprendizagem da capoeira, com a discussão das respectivas temáticas identificadas previamente. Três seminários, realizados. Dois foram com o Mestre Flávio Saudade, uma interlocução com o projeto de capoeira “Gingando pela Paz”, com crianças e jovens em situações de vulnerabilidades em territórios de conflitos armados. E, por fim, um seminário de encerramento do projeto, "Quando venho de Aruanda... não venho só: capoeira e educação".

Com a finalidade de socializar o trabalho, disponibilizar as ações e registros produzidos durante a execução do projeto, produzir memória e favorecer o acesso, criamos uma página no facebook, disponível em <https://pt-br.facebook.com/capoeducaitinerante/>. Há também uma página no site da FE/Unicamp, na galeria de memórias <https://www.fe.unicamp.br/extensao/galerias/5691>. Produzimos também um documentário, disponível no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=-2sPs7Tbp5c>.



Os encontros

A seguir, a sequência dos eventos, temáticas abordadas e os materiais propostos.

1º Encontro, janeiro de 2018. Tema: história da capoeira.

Documentário: “Capoeiragem do Rio: resistência de uma cultura” (2017, 82 min.), direção de Ricardo Hanszmann e apresentação de Mestre Russo de Caxias.

Material complementar: Dossiê “Inventário para registro e salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil” (IPHAN, 2007).

2º Encontro, fevereiro de 2018. Tema: Infância

Documentários: “Crianças invisíveis, episódio: Tanza” (2005, 18 min.), direção: Stefano Veneruso, Jordan Scott, Mehdi Charef, Spike Lee, Emir Kusturica, John Woo, Ridley Scott. E, “A invenção da infância” (2000, 26 min.); direção: Liliana Sulzbach

3º Encontro, março de 2018, Tema: Ancestralidade

Documentário: “Jogo de Corpo: Capoeira e Ancestralidade” (2013, 1h 27 min.), direção: Matthias Assunção, Richard Pakleppa, Cinézio Peçanha. Roteiro Matthias Assunção.

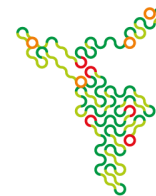
Material complementar: Curta “Iê, Volta do Mundo: A ancestralidade e a oralidade no universo cultural da capoeira” (2016, 34 min.)

4º Encontro, abril de 2018, Tema: Capoeira e Arte

Documentários: “Artes da Capoeira” (2012, 51 min.) e “FOLI: there is no movement without rhythm” (2010, 11 min.)

Material complementar: Vídeo “Samba de Roda no Recôncavo Baiano” (2013, 11 min.) e Texto “A Tradição Viva” (HampateBâ)

Seminário, junho de 2018. “A Capoeira em ações de proteção de crianças afetadas por conflitos armados na região do Haiti de na República Democrática do Congo”



Convidado: Mestre Flávio Saudade, projeto Capoeira "Gingando pela Paz"

Seminário, junho de 2018. Na escola de Capoeira IBECA, “A Capoeira em ações de proteção de crianças afetadas por conflitos armados na região do Haiti de na República Democrática do Congo”

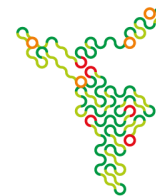
Convidado: Mestre Flávio Saudade, projeto Capoeira "Gingando pela Paz"

Seminário de encerramento “Quando venho de Aruanda, não venho só!”

O seminário realizou duas mesas redondas. Uma mesa redonda realizada à tarde, na Faculdade de Educação da Unicamp/SP, no salão Nobre e outra, à noite, na Vila União/Campinas/SP, na sede do Capoeira IBECA (um de nossos parceiros). As mesas redondas foram compostas pelas lideranças das comunidades parceiras e uma professora universitária avaliando e socializando a experiência produzida.

Considerações finais

Colaborar e problematizar a formação educacional de quem ensina a capoeira e das pessoas afins, a partir de temáticas demandadas previamente como desafio e interesse de cada comunidade parceira, foi o objetivo central do trabalho. Buscamos criar condições para possíveis deslocamentos de percepções, pensamentos e concepções fixadas, pré-concebidas. As temáticas abordadas por meio de recursos audiovisuais, como: história da capoeira, infância, ancestralidade, capoeira e arte, a capoeira tomada como tecnologia social para o resgate humanitário de jovens em situações de conflito armado, foram debatidas em rodas de conversa, a partir da sensibilidade e experiência de cada pessoa, num clima socioafetivo acolhedor e horizontal. As avaliações dos participantes, nos encontros realizados, destacaram que a itinerância foi um diferencial. A “universidade cruzou a ponte”, como alguém comentou, referindo-se à relação centro-periferia, e noções de verdade (i)mobilizadas. Os lugares de saber instituídos foram revisitados permitindo outros modos de enunciação e reflexão coletiva, como: a capoeira numa narrativa outra, para além do treinamento corporal, num jogo ético e político à luz do cotidiano das experiências, a capoeira como patrimônio cultural imaterial, ancestral, e suas interfaces com a educação, ouvir uma sacerdotisa do candomblé falar sobre ancestralidade... foram momentos únicos e mobilizadores de atravessamentos, afetos e conexões ancestrais. A roda foi diferente: o papel/lugar do/a capoeirista como educador/a, as características da



sociedade contemporânea, a responsabilidade com a formação humana estava em jogo. Por fim, a capoeira nos mostrou o seu potencial múltiplo, inclusivo e intraduzível por um olhar de "fora".

Que fluxos e desdobramentos impulsionem outros modos de jogar, estar, dizer e ser capoeira, (re) inventando horizontes e afetos outros! Axé!

Referências

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Orgs.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª.Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

CAPOEDUCA ITINERANTE: interfaces entre educação e patrimônio cultural imaterial. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura- PROEC/ Edital PEC, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-2sPs7Tbp5c>. Acesso em 21 set 2020.

LIMA, Norma Silvia Trindade. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. In MANTOAN, Maria Teresa Égler; LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (Orgs.). **Todos pela inclusão escolar: dos fundamentos às práticas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-129.

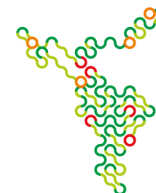
HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

LIMA, Norma Silvia Trindade; MENDES, Jackeline Rodrigues; FERNANDES, Renata Sieiro. Capoeira e Educação: pelo movimento, pelas narrativas e pela experiência. In: **Educação, Ciência e Cultura**. v. 25, n. 2, 2020. p. 319-334.

LIMA, Norma Silvia Trindade. Capoeira: interfaces na educação e cultura. In SPIGOLON, Nima I.; NETO, Nicola José Frattari; ATAIDE, Patrícia Costa; CASTRO, Rosa Betânia Rodrigues de. (Orgs.). **Tambores, Urucuns e Enxadas**: práticas e saberes contribuindo para a formação humana. Ituiubata: Barlavento, 2019. p. 248-261

LIMA, Norma Silvia Trindade. ODE À CAPOEIRA: “além” mar, entre mundos e tambores. In MANTOAN, Maria Teresa Égler (Org). **Miscelâneas**. LEPED; editoração, capa e digitalização: Gustavo Machado Tomazi. Campinas, SP: Unicamp/Biblioteca central, 2016. p. 167-181

LIMA, Norma Silvia Trindade. “Narciso acha feio o que não é espelho”, ainda? In MANTOAN, Maria Teresa Égler, (Org.) **Para uma escola do século XXI**. LEPED; editoração, capa e digitalização: Gustavo Machado Tomazi. Campinas/SP. Unicamp/Biblioteca central. 2013.p. 85-96



LIMA, Norma Silvia Trindade de. **Inclusão escolar e a identidade do professor: a escola como palco de invenção.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

LOPES, Nei; SIMAS, Antonio Luiz. *Filosofias africanas: uma introdução.* 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas noções básicas. *In* BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Orgs.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** 2ª.Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 27-53

MIGNOLO, W. **Colonialidade:** O lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – vol. 32 N° 94. junho, 2017.

SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul.** 1ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
SODRÉ. Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira.** 3ª.Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.